

A frente marítima do Porto: uma paisagem urbana a salvaguardar e valorizar

Domingas R. Vasconcelos, Francisco Sousa Rio, José Resende Dias

Introdução

A frente marítima do Porto, que foi construída ao longo dos séculos entre dois castelos, prolonga-se hoje pela praia onde o Parque da Cidade encontra o mar.

O Forte de São João Baptista, mais conhecido por Castelo da Foz, localizado num ponto estratégico de protecção da entrada da barra do Douro, está situado junto ao primitivo povoado, que hoje dá pelo nome de Foz Velha. O Forte de S. Francisco Xavier, também conhecido como Castelo do Queijo, corresponde ao remate de toda a frente construída da chamada Foz Nova, já em território da freguesia de Nevogilde.

1. Marcas da história no território da frente marítima do Porto

A presença de povoados castrejos neste território é indicada pela toponímia, nomeadamente a Rua do Crasto, o que permite verificar a sua humanização desde muito cedo. Concretamente, sabe-se que em 1145, D. Afonso Henriques doou aos confrades do Cenóbio de Santa Maria e S. Miguel Arcanjo, tudo quanto possuía em S. João da Foz. Seguiu-se uma nova doação a favor de Soeiro Mendes Maia, do qual passou para a posse do mosteiro Beneditino de Santo Tirso de Riba d'Ave. Uma vez confirmada a doação por D. Mafalda, filha de D. Sancho I, fica designado o território por "Couto da Foz".

Nesta época, Nevogilde, freguesia que abarca hoje a Foz Nova, era constituída por um pequeno povoado de vocação rural, com 17 casais, enquanto que S. João da Foz, o actual núcleo da Foz Velha, era um povoado de maior desenvolvimento, voltado para o rio e para o mar, com 37 casais e 14 cabaneiros, número maior do que os existentes na mesma época em Aldoar e Lordelo, as freguesias vizinhas. Em 1527, contavam-se já 286 fogos em S. João da Foz e 12 em Nevogilde.

Facto notável é o da existência de um porto, o porto de Carreiros, que servia de alternativa à entrada da barra do Douro, quando esta não era acessível. Embora não se saiba exactamente a data precisa da sua construção, em 1619 encontra-se representado na 1ª edição da carta holandesa de Wilhelm Jansz Blaeu, desenhado em forma de concha. O seu desaparecimento pode estar relacionado com a construção do porto de Leixões, que o superou, nunca passando, por isso, de um pequeno porto alternativo e temporário, mas que nos deixou o molhe, construído em meados do século XIX e a sua peça estrutural mais importante, que tanta notabilidade tem na paisagem actual da Foz.

No mapa de 1755 elaborado por Gomes da Cruz, no pormenor referente ao Carreiro, diz: *"Este pequeno porto é salvação de muitas lanchas de pescaria, que se salvaram na areia do seu fundo"*. Ainda hoje, junto à praia do Molhe permanecem dois marcos de granito, que serviam de marcas de "enfiamento" para permitir a segurança da chegada dos barcos.

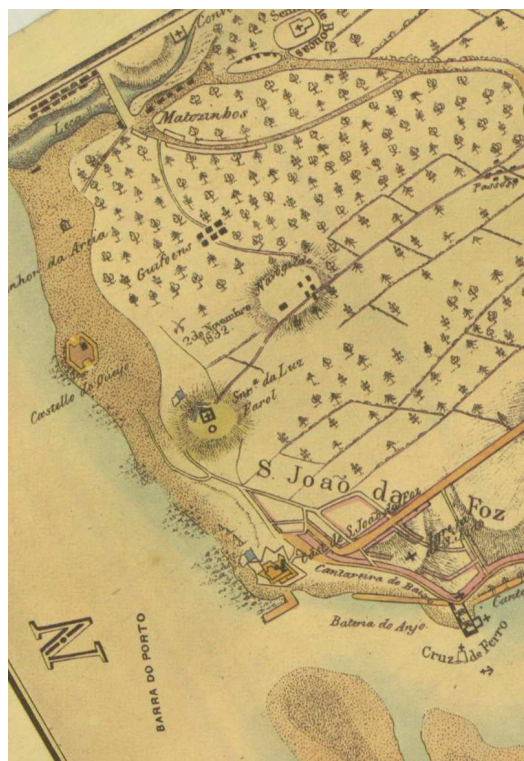
No entanto, este porto chegou a ultrapassar a função de refúgio de barcos de pesca. De facto, durante o cerco do Porto serviu para desembarque de bens de primeira necessidade. O exército das tropas liberais foi reforçado por centenas de novos recrutas aqui desembarcados.

Em meados do século XIX a freguesia da Foz do Douro é integrada no concelho do Porto. Com o melhoramento dos transportes de ligação à cidade do Porto, quer por via fluvial, quer por via terrestre, a Foz transforma-se na primeira estância balnear do Porto, devido à moda dos “banhos” por recomendação médica. Esta época corresponde a um grande desenvolvimento urbano desta área: criam-se jardins públicos, abrem-se estradas e constroem-se inúmeras casas, segundo uma tipologia de vilegiatura, algumas delas apalaçadas, outras adoptando uma imagem de chalé, que ainda hoje podemos encontrar.

O carácter balnear desta zona será reforçado na década de 30 do séc. XX, altura em que se executam as grandes obras de promoção turística da Foz, com a construção da Praça de Gonçalves Zarco, da esplanada do Molhe e do passeio público das avenidas de Montevideu e do Brasil, incluindo a pérgula, a fonte luminosa e diversos elementos escultóricos.

Ao longo daquele século assiste-se a uma substituição da frente construída da Avenida do Brasil, que vai sendo ocupada por imóveis plurifamiliares com cêrcea média de 5 pisos, correspondendo esta densificação à transformação da Foz numa zona de habitação permanente da cidade do Porto.

Na viragem para o século XXI, a autoridade municipal investe na requalificação desta frente marítima, não apenas nos espaços verdes já existentes ao longo da Avenida de Montevideu, mas também na abertura do Parque da Cidade ao mar.



1.º momento – 1832

O núcleo habitacional de S. João da Foz do Douro cresceu na margem norte da foz do rio Douro. Nas rochas da praia onde hoje existe o castelo com o mesmo nome, havia uma ermida proto-românica, que foi transformada em igreja e paço por D. Miguel da Silva em 1527, com o arquitecto que trouxe de Itália – Francesco da Cremona. Este conjunto foi fortificado para proteger a entrada da Barra do Douro, a partir de 1570, obrigando à deslocação da igreja paroquial para um novo local.

Por volta de 1860, já existiria um núcleo de casas em Carreiros, que funcionava como porto alternativo ao do Douro, quando a vazante na Barra não dava entrada. Em 1869, devido à grande afluência a este porto de Carreiros, constrói-se o primeiro tramo do molhe, que possibilita o desembarque de passageiros, correio e bagagem a partir de navios fundeados ao largo. Este porto de abrigo deu origem a um caminho que faz a ligação ao núcleo de S. João da Foz. Nesta altura, definem-se alinhamentos, regularizando a estrutura do núcleo junto ao Castelo e simultaneamente projecta-se o alargamento e regularização do caminho de Carreiros, prolongando-o até Leça. O traçado desta nova estrada vai cortar algumas propriedades.



2.º momento – 1892

A *Carta Topográfica* de 1892 é o primeiro levantamento rigoroso e completo da Cidade do Porto, que inclui as freguesias entretanto anexadas, como é o caso da Foz. Nesta época, a Foz transforma-se na 1.ª estância balnear do Porto. O aparecimento dos transportes públicos que ligavam ao Porto, vai contribuir para um grande desenvolvimento da zona. O núcleo antigo densifica-se, abrem-se novas ruas e criam-se novos largos, nomeadamente o Largo de Cadouços, ponto de chegada do *americano* que estabelecia a ligação terrestre pelo interior. A mancha construída expande-se para norte ao longo da Avenida de Carreiros. A ocupação do solo relaciona-se agora, de uma maneira diferente com a morfologia do terreno, as casas surgem alinhadas pelo traçado regularizador de um eixo, criando uma cortina de construção que estabelece uma relação franca com o mar. No fundo trata-se de uma mudança de mentalidades, as casas deixam de estar sob a alçada do Castelo e voltam-se para o mar. Esta regularização expande-se a toda a zona envolvente dentro de um vasto plano de criação de uma malha urbana regular. Com o crescimento da procura do porto de Carreiros, torna-se necessário prolongar o Molhe, o que acontece com a construção do 2.º tramo, entre 1881 e 1885.



3.º momento – 1930

Verifica-se aqui a expansão da mancha construída entre o Molhe e o Castelo do Queijo, a Avenida de Montevideu, com um carácter diferente dos dois momentos anteriores.

Passa-se de um alinhamento definido pela própria edificação para uma ocupação do solo mais dispersa, na qual a rua é definida pelos muros das casas rodeadas de grandes jardins, mantendo no entanto o alinhamento.

O facto de a Foz já não ser apenas uma estância balnear para a burguesia portuense, mas sim um local de residência fixa pode estar na origem desta mudança de carácter da frente Atlântica.

O espaço entre a avenida e o mar transforma-se em espaço público, por vezes à custa de terrenos privados. Fazem-se jardins, constrói-se a esplanada do molhe e a pérgula, dotam-se as praias de balneários. De uma maneira contínua, qualifica-se a marginal pontuando-a com equipamentos como o Aquário e o pavilhão de Carreiros, que funciona como café.

É de salientar a mudança de uso do molhe, sendo agora totalmente voltado para o passeio e lazer, perdendo a sua função portuária, devido ao aparecimento do porto comercial de Leixões em 1908.



4.º momento – 2001

Momento que corresponde a um período de grandes transformações no espaço público desta área, com a requalificação do jardim da Avenida de Montevideu e a execução do remate do Parque da Cidade na sua frente marítima.

2. Um recurso ambiental e económico

Esta frente de mar constitui uma significativa mais-valia para a qualidade de vida dos cidadãos, sobretudo dos residentes na área urbana do grande Porto, seja pela zona de lazer proporcionada, seja sobretudo pelos benefícios para a saúde provenientes do ambiente marítimo, sendo de destacar o facto de as suas praias possuírem condições óptimas para a prática balnear (em 2011, sete praias obtiveram a bandeira azul).

Frequentemente, a saúde e o bem-estar pessoal ou o convívio com os amigos são as principais razões para o passeio por esta área. No entanto, a estas motivações poderemos acrescentar um maior interesse pelo conhecimento do património natural e construído, conseguindo desse modo que cada uma das pessoas elabore para si própria uma ideia de lugar mais completa, obtendo assim um reforço de identidade e de auto-estima que estimule o respeito e a defesa deste conjunto e de cada um dos elementos que o constituem.

Por outro lado, numa altura de globalização em que o poder de atracção turística da cidade cresce de ano para ano (600 mil turistas visitaram o Porto em 2010) e tendo em atenção que esta depende em larga medida da aptidão dos agentes urbanos para manter a sua identidade, que a distingue de todas as outras cidades, importa saber aproveitar este fluxo e as suas inerentes vantagens financeiras.

Neste sentido, enumeram-se a seguir alguns dos mais relevantes recursos desta frente:

- O Castelo da Foz, fortaleza construída e ampliada em sucessivos momentos desde 1570 até 1790, onde jazem as fundações da ermida proto-românica do séc. XI e onde se encontra o corpo da igreja renascentista construída a partir de 1527 ao mesmo tempo que o paço de D. Miguel da Silva, abade comendatário do mosteiro de Santo Tirso.
- O Castelo do Queijo, construído para a guerra da restauração em 1661, juntamente com tantas outras fortalezas nesta frente atlântica, como Leça, Vila do Conde e várias outras fortificações existentes na costa entre Viana do Castelo e Caminha.
- Os campos de ténis do Lawn Tennis Club da Foz, que se instalaram junto às muralhas da fortaleza do Castelo da Foz em 1909, beneficiando do aterro realizado para a execução do jardim do Passeio Alegre e, ao mesmo tempo, da protecção dos ventos de norte. Este tipo de equipamento, juntamente com os existentes no Parque da Cidade, permite uma prática de desporto mais estruturado. Um desporto mais informal pode ser praticado ao longo do passeio público, como jogging ou o uso de bicicletas e de patins.
- O Molhe de Carreiros, construído em duas fases. Em 1869 foi construído o paredão mais baixo, que em 1885 foi prolongado com uma maior estatura para permitir melhorar as condições de descarga de pessoas e bens. Deste sistema fazem parte as correspondentes marcas do alinhamento para entrada no porto de Carreiros.
- A Estação de Zoologia Marítima, um aquário precursor fundado por Augusto Nobre em 1914 e onde actualmente se realizam trabalhos experimentais de investigação científica, no âmbito da Biologia Marinha e Aquacultura a cargo da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

— Os benefícios resultantes do Plano de Embelezamento da Foz do Douro (Manoel Marques, 1928). De iniciativa municipal, este plano revela grande visão de futuro com uma aposta no investimento no espaço público, que permitiu dotar esta zona de infra-estruturas que ainda hoje são referências, as largas avenidas, passeios, jardins e rotunda. Do mesmo modo, foram colocadas algumas obras de arte que caracterizam os espaços, como a pérgula e balaustrada (António Baganha, 1931), as estátuas do Salva-vidas (Henrique Moreira, 1937) e do Homem do Leme (Américo Gomes, 1934) e a fonte luminosa (Manoel Marques, 1931). Este investimento, com cerca de 80 anos, possibilita um retorno económico configurado em valores como a saúde (desporto, praia) e o turismo, com o acolhimento de visitantes que procuram uma zona agradável com características especiais.

— As praias, que às vezes não são mais do que pequenos areais no meio dos maciços rochosos, que por si só formam um património geológico protegido. Um recente processo de qualificação permite hoje que estas praias ostentem o símbolo de qualidade europeia para a prática balnear – a bandeira azul. Nas praias do Ourigo, da Luz e de Gondarém existem uns pontões de apoio aos banhos, estruturas construídas durante a moda dos banhos do séc. XIX, com grande valor paisagístico e muito importantes para a configuração desta paisagem protegida.

— A frente marítima do Parque da Cidade (M. Sola-Morales, 2001), que veio permitir a abertura do parque ao mar, relacionando esta grande estrutura verde com esse outro grande sistema que é todo o passeio marginal entre o rio e o mar, prolongando-se desde a Ribeira até Matosinhos, que também investiu na requalificação da sua marginal. Esta intervenção dotou ainda esta frente de um edifício multi-usos – o edifício transparente – que veio possibilitar um uso mais intenso desta zona.



Castelo da Foz, com o Paço de D. Miguel da Silva, a cúpula da igreja renascentista e os courts do Lawn Tennis Club da Foz



Pontão de apoio aos banhos da praia do Ourigo



Marcas do alinhamento do Porto de Carreiros

3. Salvaguarda e valorização de um património contemporâneo

Se por um lado, a época de escassa liquidez económica que atravessamos pode não ajudar à execução de acções de valorização desta frente marítima, por outro lado, não raramente o excesso de meios por vezes mal aplicados, também poderá ser prejudicial à conservação de um património, que apenas pede manutenção.

Na verdade, vários são os exemplos de intervenções dissonantes ocorridas nos anos 70 ou 80 do séc. XX, onde a construção de edifícios com uma presença excessiva, veio de algum modo perturbar a escala do lugar.

Por outro lado, a implementação de uma prática sistemática e periódica de procedimentos de conservação e manutenção, não só do edificado, como de todo o tipo de espaços e espécies vegetais existentes, pode revitalizar progressivamente, tornando ainda mais atraente esta paisagem marítima do Porto.

Vamos, num percurso virtual, deter-nos em alguns edifícios, que pelas suas características arquitectónicas, artísticas ou culturais, qualificam a frente marítima desta cidade, funcionando como âncoras do seu carácter urbano muito particular:

- Duas casas de tendência *Arte Nova* na Avenida do Brasil, n.ºs 72 e 523, desenhadas por Manuel Janeira em 1911, o mesmo autor de algumas das edificações mais notáveis deste estilo existentes no bairro das Carmelitas (ruas de Cândido dos Reis e da Galeria de Paris);
- A garagem Belo Horizonte, da autoria de Amoroso Lopes e datada de 1946, com um desenho moderno e distinto do resto do alçado da Avenida do Brasil, assinalando o automóvel como objecto de culto.
- A casa onde morreu o poeta António Nobre na Av. Brasil, 531, provavelmente construída em 1876, propriedade de seu irmão Augusto, que perto fundara a Estação de Zoologia Marítima anteriormente referida.
- A Casa Neo-Manuelina localizada no n.º 777 da Avenida do Brasil, edificada em 1907 num estilo revivalista, representando uma corrente estética muito popular a partir da segunda metade do séc. XIX e que teve particular implantação nas zonas de veraneio – como é o caso – seguindo modelos como o do real Palácio da Pena ou ainda da Quinta do Relógio e de Monserrate, exemplos com grande aceitação nas estâncias balneares subsidiárias da capital (Estoril e Cascais).
- Alguns palacetes da Avenida de Montevideu, como o antigo restaurante D. Manuel (n.º 364) ou a casa da família Moreira (n.º 236), esta provavelmente construída na última década do séc. XIX e alterada em 1923. Da propriedade desta casa fazia parte o actual miradouro da praia do Homem do Leme, uma estrutura realizada em cimento armado imitando troncos e ramos de árvores, tão ao gosto romântico. O terreno foi cortado para a abertura do caminho do Castelo do Queijo, que mais tarde foi alargado para a Avenida de Montevideu.
- Várias casas modernas da Avenida de Montevideu, como a casa Maria Borges (n.º 580, Alfredo Viana de Lima, 1951) ou a casa Prata de Lima (n.º 644, José Porto, 1937), símbolos de uma nova forma de estar e de viver.

— O monumental muro da propriedade do Conde de Vizela que faz o gaveto da Avenida da Boavista com a Avenida de Montevideu, projectado por José Marques da Silva em 1929, juntamente com o respectivo edifício de habitação da autoria de Homero Ferreira Dias em 1942.

— A subestação da Companhia Carris de Ferro do Porto, que é constituída por dois corpos, o do lado Norte, maior, foi construído em 1911 em ampliação ao volume anteriormente existente, juntamente com um corpo de ligação entre os dois. Esta Subestação destinava-se à produção de energia eléctrica a partir de carvão e servia para alimentar a rede de carros eléctricos, que nesta época crescia na cidade do Porto, em substituição da máquina a vapor. Trata-se de uma peça única pelo seu relevante interesse para a história da evolução dos transportes na cidade.



Pormenor da casa *Arte Nova* na Av. Brasil, 72
Manuel da Silva Janeira, 1911



Pormenor da casa neo-manuelina
da Av. Brasil, 777 (1907)



Miradouro da Praia do Homem do
Leme

Conclusão

Acreditamos que introduzindo e reforçando o factor tempo como tema no confronto dos factos urbanos de curta duração com as persistências da longa duração, percebendo os processos e os actores intervenientes, poderemos chegar a um Porto onde o Mar estimule usos saudáveis dos patrimónios que resistam à erosão da falta de reconhecimento.

Bibliografia

- ANDRADE, Monteiro de Andrade - Plantas antigas da cidade. *CMP*. 1943.
- BASTO, Artur Magalhães - A Foz há 70 anos. Edições *O Progresso da Foz*. 1936.
- BRANDÃO, Raul - Os Pescadores. 1922.
- CALLIXTO, Carlos Pereira - Os Primeiros 230 anos de História da Fortaleza de São João da Foz - 1570-1800. *Hotel Boa-Vista*. 1991.
- DINIS, Júlio - Uma Família Inglesa. *Livraria Lello & Irmão*.
- DIONÍSIO, Sant'Ana - Guia de Portugal. Douro Litoral. *FCG, 2ª edição*. 1985.
- FERNANDES, José Alberto V. Rio - A Foz: Freguesias de Nevogilde e Foz do Douro.
- FERNANDES, José Alberto V. Rio - A Foz. Entre o Rio o Mar e a Cidade. Edições *O Progresso da Foz*. 1989.
- FERNANDES, José Alberto V. Rio - A Foz. *Faculdade de Letras da Universidade do Porto*.
- MAGALHÃES, Correia de - Porto e seu Distrito. *Editora Educação Nacional*. 1973.
- MAIA, S. Oliveira - Onde o Rio acaba e a Foz do Douro começa. Edições *O Progresso da Foz*.
- NAVARRO, António Rebordão - Foz do Douro.
- OLIVEIRA, J. M. Pereira de - O Espaço Urbano do Porto. Coimbra, *Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos Geográficos*. 1973.
- OLIVEIRA, Henrique Vieira de - Achegas para a história do porto de Carreiros. Edições *O Progresso da Foz*. 1989.
- OLIVEIRA, E. Pires de - Imagens do Porto oitocentista. Arquivo Municipal da CMP. *ARPPCN*, 1985.
- ORTIGÃO, Ramalho - As Praias de Portugal. *Livraria Universal*. 1876.
- PACHECO, Helder - Auto-retrato de uma cidade.
- PASSOS, José manuel da Silva - O bilhete postal ilustrado e a História Urbana do Porto. Edições *Caminho*.
- RAMOS, Luis A. de Oliveira - História do Porto. *Porto Editora*.
- REAL, M. Luis; TAVARES, Rui - Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto. *Centro de estudos dos Povos e Culturas Portuguesa*, 1987.
- SILVA, Joaquim José Pinto da - A Cantareira. Edições *O Progresso da Foz*. 1991.

Cartografia

LIVRO DAS PLANTAS, AHMP

Alinhamento na esplanada do Castello, na Foz e Rua da Senhora da Luz. 1859 (aprov.)
378 - MNL 2\A-365

Planta Topográfica de parte do terreno de S. João da Foz. Copiada do Original levantada pelo arquitecto Joaquim da Costa Lima. 1862.
405 - MNL 2\A-391

Estrada da Foz a Leça - Lanço entre a Foz e altura de Carreiros.
452\453 - MNL 2\A-433, 434

Planta de parte da Rua da Senhora da Luz em S. João da Foz do Douro. (2ª metade do séc. XIX).
462 - MNL 2\A-433

Projectos de alinhamento junto à esplanada do Castello da Foz e Rua da Senhora da Luz. 1846.
286 - MNL 2\A-272

Projecto de expropriação junto à esplanada do Castello da Foz. 1859.
389 - MNL 2\A-376

Alinhamento na Praia dos Banhos da Foz. 1862.
410 - MNL 2\A-296

Alinhamento na Rua da Senhora da Luz e Esplanada do Castello, na Foz. 1863 (aprov.)
404 - MNL 2\A-419

Cont. do Caes do Banhos, na Foz. 1863. (aprov.)
405 - MNL 2\A-420

Ruas em Projecto entre as ruas da Senhora da Luz e Alto de Villa, bem como a Praça. 1861\1862
427 - MNL 2\A-410

Planta do Castelo do Queijo. 1860.
MNL 2\A-490

Planta do Castelo de S. João da Foz do Douro.
MNL 2\A-492

Carte Topographique Militaire des lignes au nord et au sud du Douro. Francisco P. de Arbués Moreira. 1834.
MNL 2\B-6

Planta da Barra da cidade do Porto. Joaquim de Sousa Picão. 1815.
MNL 2\B-7

Planta da cidade do Porto referente ao ano de 1903.
MNL 2\B -1, 2

Urbanização da zona da Foz.
MNL 6\B'-6

Zona da Foz.
MNL 2\B-69

Ampliação do Pavilhão da Avenida Brazil.
4095 - MNL 2\B-71

Plano Parcial de Urbanização junto ao Castelo do Queijo. 1946.
4099 - MNL 2\A-576

Zona da Foz.
4102 - MNL 6\B'-9

Plano de Alinhamentos da Rua da Senhora da Luz.
4182

Perfis longitudinais da Rua de Gondarém. 1922.
4207 - MNL 6\A-16

Estudo para ajardinamento da Avenida Montevideu. 1956.
4227 - MNL 2\A-574

Planta Topográfica de alguns Jardins da cidade. 1953.
4165 - MNL 4\B''-37 (1-11)

Avenida de Montevideu: Perfil Transversal (com eléctricos).
4390 - MNL 4\A'-24

Plantas da zona da Foz.
4392 - MNL 2\B-93 (1-5)